

OLAVO DE CARVALHO

Seminário de Filosofia

1999

Aula 3



Transcrição feita por Gabriel Coelho Teixeira, sujeita a correções.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=PavRgNwC_kg&t=371s

[...] Vamos tentar situar a Filosofia no conjunto da atividade cultural e histórica humana.

Toda experiência histórica do ser humano tem uma diferença fundamental em relação à experiência que o indivíduo tem da sua própria vida. Nós todos formamos uma idéia da história a partir da nossa própria biografia. À medida que o tempo passa, nós acumulamos algo que nós chamamos de experiência da vida. A experiência da vida nos mostra quais são as portas que já estão fechadas para nós – as experiências que já não podem ser tentadas de novo – e quais as possibilidades que ainda nos restam, de modo que da interpretação daquilo que aconteceu nós conseguimos obter uma estratégia mais eficiente para as nossas decisões com relação ao futuro.

Por que não conseguimos fazer a mesma coisa na escala da história humana? O motivo é que o sujeito da nossa biografia é um só, que conserva a sua memória biológica, enquanto o sujeito da história é múltiplo. O sujeito da História é como um grão de areia [???]. Embora estejam comprimidos uns pertos dos outros, eles estão intrinsecamente separados.

Quando um homem morre, toda sua memória e sua percepção estão perdidas para todos nós. Isso significa que a experiência acumulada, longe de enriquecer como na vida individual, ela se perde continuamente. O simples registro dos fatos não basta de maneira alguma para que as gerações seguintes compreendam o que aconteceu. Principalmente porque os registros já não contêm a experiência efetiva daqueles que viveram e compreenderam os fatos mas são um esquema seco que se torna frequentemente objeto de debate que já não dizem respeito aos fatos e à vida que realmente sucederam, mas ao simples conjunto de palavras que [???].

Por exemplo, quando pensamos na Revolução Francesa estamos acostumados a interpretá-la quase por automatismo sob o rótulo de Revolução Burguesa. Na Revolução Francesa, de acordo com esse esquema, teria havido a substituição de uma classe dominante por outra classe dominante. Esse esquema é tão repetido que a Revolução Burguesa e a Revolução Francesa se tornaram sinônimos. Isso está consagrado em todos os manuais escolares. No entanto, quando investigamos os fatos mais de perto, nós verificamos que a maior parte das pessoas que estavam envolvidas em atividades capitalistas na época da revolução eram aristocratas. E que a [corte no vídeo] continuavam a sê-los. Não houve portanto a substituição de uma classe por outra, mas de um discurso por outro. Os proprietários das grandes fortunas continuavam em 70% exatamente os mesmos. Quem tiver a paciência de investigar a contribuição da diretoria dos grandes bancos e indústrias francesas ficará assombrado com o número de condes e marqueses. Isso significa que o esquema denominado Revolução Burguesa é uma interpretação que os tempos posteriores deram ao passado e é essa interpretação que influencia o futuro.

O futuro é influenciado, não diretamente pelo passado, mas pelo que nós pensamos e entendemos dele e que é de nossa própria invenção e não dele. Isso

significa que as grandes conexões de causa e efeito nas grandes e longas transições históricas levam demasiado tempo para poderem ser apreendidos por uma mesma geração. E aquilo que uma geração deixa à outra é sempre muito pobre em relação àquilo que realmente sucedeu. A memória histórica está continuamente sendo perdida apesar do crescimento dos registros porque a dificuldade aí não é a falta ou a pobreza dos registros mas a falta da experiência originária que dava sentido aos acontecimentos na hora em que aconteciam.

Por exemplo, se acompanhamos a história dos países ao longo de alguns séculos, nós observamos certas constantes. Mas se não temos uma teoria que fundamente e justifique essas constantes, nós nos recusamos a enxergá-las. Por exemplo, ainda no exemplo francês nós vemos que desde o fim da monarquia a França perde sua [...] poder continuamente, mas como nenhuma teoria associa o poder monárquico à grandeza das nações nós não conseguimos apreender o sentido verdadeiro desse fato. O que significa que na interpretação da História, a teoria predomina sobre os fatos.

Por isso mesmo quando nós observamos um povo mais antigo, como os judeus, por exemplo, e observamos no Antigo Testamento com que facilidade eles percebiam a ligação entre aquilo que lhes acontecia e a relação deles com Deus, nós ficamos espantados de notar como era possível que a experiência coletiva se conservasse tão viva de uma geração para outra ao ponto de que uma geração podia entender perfeitamente as origens daquilo que lhe acontecia e captar as suas raízes vinte ou trinta gerações atrás. Você lê o Antigo Testamento, você fica assombrado em perceber com que clareza aquele povo percebia quando tinha perdido o caminho e provocado sua própria danação. E é justamente essa percepção que lhe permitia retomar o caminho perdido.

Ora, os judeus do Antigo Testamento não tinham faculdade de História, não tinham arquivos públicos, nem computadores, nem museus e nem todos os recursos que nós temos para o estudo da História, mas eles tinham a consciência do tempo histórico. E a pergunta é: como a conservavam de uma geração para outra?

E nós, com todos os recursos que temos, não somos capazes de explicar, por exemplo, por que aconteceu a Segunda Guerra Mundial ou por que caiu o regime soviético. Se vocês lerem os jornais e os livros de estudos políticos publicados nos dez últimos anos antes da queda da União Soviética, vocês verão que quase ninguém previu isso. Parece portanto que em relação aos profetas do Antigo Testamento, nós perdemos o centro da nossa continuidade histórica. Como é possível que isso aconteça?

A conservação do conhecimento de uma geração e sua transmissão para a seguinte é o que se chama de educação. Qual é a diferença fundamental entre a nossa educação e a daqueles personagens do Antigo Testamento?

Aí é que nós temos que recorrer a uma noção fundamental que nós designamos pelo nome de tradição, uma palavra que hoje é associada à idéia de coisas antigas. Mas

se algo nos parece antigo é porque não nos foi transmitido. Portanto, tradição é exatamente o inverso de coisa antiga. Se é antigo é porque a tradição foi interrompida.

A tradição consiste justamente na continuidade, não só do conhecimento, mas dos atos de percepção e compreensão originários. Que é um ato de compreensão originário? É qualquer ato de conhecimento no qual algo lhe é revelado de maneira direta e evidente. Por exemplo, a primeira vez que você se apaixonou por alguém e disse ou não disse “eu te amo”. Você não tinha a menor dúvida disso. Essas mesmas palavras podem ser repetidas em anúncios de refrigerante, nas novelas, e podem ser repetidas por mil e uma intenções diferentes. A palavra é a mesma mas falta o ato originário. Se daquela experiência sobrar apenas o registro das palavras, como você vai saber que a coisa aconteceu ou não? Para você ter certeza de que aconteceu é necessário que transmita, não apenas o registro, mas a possibilidade da repetição da experiência.

Vocês já viram algum ensino universitário que transmita isso? É evidente que não. Todo o nosso ensino dito superior hoje em dia transmite apenas registros.

Sem que se possa distinguir entre os registros que assinalam meras imitações e aqueles que trazem uma experiência originária; ora, se na interpretação da cultura e da história nós não temos esse senso profundo das diferenças entre o mero registro, que é uma lugar-comum, e o acontecimento efetivo, nós podemos estudar História pelo resto da vida e nunca vamos entender nada.

Isso significa que algo falta na nossa educação. E esse algo os profetas do Antigo Testamento tinham.

Quando um profeta [???] o sofrimento do povo e assinala que a causa desse sofrimento é que ele se desviou da sua obediência originária, se desviou do compromisso originário, esse profeta fala como se ele próprio fosse responsável por isso. E na medida em que ele assume a responsabilidade pelos atos do seu povo, ele compreende o que passou. Isso é precisamente o contrário do que faz um historiador. O historiador busca ter uma atitude que ele chama de neutralidade científica, mas nós compreendemos que essa neutralidade nada pode ter de científico porque ela é uma recusa de conhecer, na mesma medida em que há certos atos humanos cujo conhecimento originário implica um ato de responsabilidade. De modo que aquele profeta ou governante que carrega o peso dos atos do seu povo, que tem que responder pessoalmente por isso, esse compreende o que aconteceu. Mas o historiador, que somente observa os registros, nunca vai ter uma visão exata do que aconteceu.

Essa noção de tradição pode ser aplicada a várias linhagens tradicionais. Algumas delas nós chamamos hoje de religiões, como o Judaísmo, o Cristianismo ou o Islamismo. Mas é evidente que a noção de tradição vai muito além disso e abrange, por exemplo, fenômenos como a Franco-maçonaria. Franco-maçonaria é uma transmissão de tipo tradicional de modo que as gerações seguintes possam, assumindo a responsabilidade dos atos das gerações anteriores, chegar a compreendê-los exatamente pela repetição dos atos originários.

Há muitas outras linhagens ou famílias, como por exemplo as tradições indígenas. No Brasil, qualquer pequena tribo tem sempre duas ou três pessoas que não apenas conhecem o passado dos registros historiográficos, mas carregam a responsabilidade por eles, e por isso mesmo o compreendem.

Qual a possibilidade que nós temos de, com os instrumentos universitários, recuperar esse tipo de conhecimento? A resposta deve ser procurada justamente numa dessas tradições, que se chama justamente Filosofia. Nós não podemos esquecer que a Filosofia, se por um lado é uma tradição encarregada de conservar e transmitir a capacidade desses ator originários [???], por outro lado ela é também uma disciplina universitária encarregada de transmitir uma infinidade de registros que por si mesmos não nos dizem o que efetivamente foi vivido e pensado na esfera do [???]. Eu vou lhes dar um exemplo.

Na Academia Platônica cada aluno praticava diariamente um exercício: ele tinha que recordar meticulosamente tudo o que lhe havia acontecido durante o dia. Durante quanto tempo ele ia fazer isso, repetir essa experiência? Nós podemos fazer uma idéia disso pelo exemplo de Aristóteles. Ele entra na Academia com dezenove anos e sai aos quarenta e oito, completando durante mais algum tempo a sua formação para só depois começar o seu ensinamento público. Vocês são capazes de imaginar a capacidade de atenção, de auto-consciência, inclusive no sentido moral, que tem o homem que durante trinta anos se recordou todas as noites de tudo o que havia feito durante o dia?

Se vocês entrarem em todos os institutos e faculdades que estudam a filosofia de Platão, vocês vão encontrar milhares de pessoas falando coisas fantásticas sobre Platão, mas eu duvido que um deles tenha a unidade de consciência que era obrigatória para qualquer aluno da Academia Platônica.

É evidente que qualquer texto que tenha sido deixado por Platão ressoa de uma maneira nos ouvidos de quem tenha praticado essa disciplina e de outra em quem nunca tenha nem ouvido falar disso. Mas note que tudo o que Platão diz, foi dito para os alunos da Academia e não para os universitários do século XX. Isso quer dizer que existe um desnível, uma separação entre o que o texto diz e o público que o está lendo. Falta a esse público um elemento fundamental para a compreensão do texto. Ainda que ele saiba o texto de cór e tenha comparado cada texto de Platão com os outros ao ponto de reconstruir cientificamente, como de fato se fez, a perfeita ordem cronológica em que foram feitos, é duvidoso que isto resulte numa efetiva compreensão do ensinamento de Platão se a condição pessoal psicológica não é atendida.

Esse exercício é só um exemplo entre muitos que nos mostram que a Filosofia surge, não como uma simples disciplina acadêmica, mas do sentido de uma tradição que junto do ensinamento pessoal traz, a cada geração, a possibilidade de repetir certas experiências originárias que lhe revelam o sentido das palavras.

Ora, a Filosofia ao longo dos séculos foi perdendo muito desse caráter de tradição ao ponto de se resumir a uma disciplina acadêmica que discute apenas os registros em

si mesmos sem o conteúdo cognitivo originário. Mas algo similar aconteceu com todas as tradições. Todas elas decaíram e se enfraqueceram ao ponto de se tornarem quase que uma mera sombra de si mesmas.

Se vocês estudarem o Novo Testamento – não o Antigo, o Novo –, vocês observarão ali um fenômeno extraordinário. Em tudo o que Jesus Cristo disse, ele não diz uma única palavra sobre a organização da sociedade, sobre estrutura econômica, sobre os tribunais e as leis ou sobre a forma de governo. E, no entanto, as primeiras gerações de cristãos, sem terem a menor indicação sobre como deveriam organizar-se, conseguiram se organizar de uma maneira tão coesa que sobreviveram a todas as perseguições e martírios, exatamente quando o Império racionalmente organizado se desfazia diante deles. Isso significa que eles possuíam um tipo de conhecimento tão essencial e tão vivo que a solução de todos os problemas de ordem prática, política ou jurídica não precisavam ser declaradas porque vinham implícitas nesse conhecimento central, de modo que cada um, sem que ninguém tivesse que ensinar, sabia exatamente o que fazer.

Passados dois mil anos, a Igreja tem um imenso Código de Direito Canônico no qual todas as normas estão meticulosamente explicadas e os teólogos discutem o dia inteiro para entender o sentido de cada uma. Isso significa que o aumento do volume de registros veio junto com o enfraquecimento da capacidade para o ato de conhecimento originário que permitiu aos primeiros cristãos compreender espontaneamente o que ninguém sabia explicar.

Fenômeno absolutamente similar se observa no mundo islâmico. O profeta da revelação islâmica dura vinte e seis anos desde o primeiro versículo do Corão que Maomé recebe do Arcanjo Gabriel até o último versículo com que ele completa a revelação. Como se organizou a comunidade durante esses vinte e seis anos se nem mesmo a lei central estava formulada?

Foi nesses vinte e seis anos que o Islam fez suas conquistas essenciais, que conquistou o núcleo do poder que parcialmente conserva até hoje. Ao longo dos tempos a teologia islâmica cresceu muito, o número de comentários corânicos não caberia em quarenta prédios do tamanho deste, e não há dois teólogos que concordem a respeito de uma só linha.

Uma outra tradição, a Maçonaria, provém de certos experimentos de ordem alquímica que foram realizados durante muitas gerações por pessoas que mal tinham contato entre si e mal se encontravam uma ou duas vezes na vida. No entanto a conversa entre dois alquimistas mostrava que um entendia perfeitamente o que o outro dizia porque a experiência profunda que um deles tinha dos processos interiores da natureza era exatamente igual a do outro. Então se entendiam facilmente e eram portadores da mesma ciência e de certo modo obedeciam à mesma regra sem nunca terem combinado nada um com o outro.

Passados alguns séculos, a Maçonaria cresceu enormemente. Ela tem uma influência tremenda no Brasil, por exemplo, nos Estados Unidos. No entanto, cada vez que eu converso com um maçom, eu fico impressionado em ver quão pouco ele compreende dos fundamentos da ciência maçônica. Do mesmo modo acontece em todas as tradições.

Aquelas que não perdem a sua força interior são atacadas de fora e se reduzem quantitativamente. Isso acontece, por exemplo, no Judaísmo. É talvez aquela que melhor conserve o núcleo do ensinamento originário da religião se dissolve diante dos nossos olhos. A maior parte dos judeus vão à Sinagoga apenas como uma obrigação [???] da qual eles não compreendem nada. É como você ir a uma festa de aniversário de um parente que você nunca viu e significa que não tem o menor sentido para você estar participando daquilo.

O Budismo também conserva o seu núcleo originário, mas o Budismo é hoje uma religião dispersa, expulsa da sua pátria, perseguida pelos chineses e falsificada pelos americanos. De modo que a situação de todas as tradições não é muito boa, porém a mais fácil de recuperar é a tradição filosófica.

Primeiro, porque ela tem todos os registros, só faltando da vida [???]. Como se faz isso? Praticando a Filosofia, não como ela se encontra hoje, mas tal como ela surgiu. E como é que ela surge? É fácil você perceber que qualquer coisa que surge, não surge pronta, mas surge como um projeto ou idéia. O projeto essencial da Filosofia aparece naquele que nós podemos chamar de fundador da Filosofia, que é Sócrates. Claro que houve filósofos antes mas ele foi o primeiro que [???] a plena consciência do que é a Filosofia enquanto projeto e um modo de vida que podia ser transmitido à geração seguinte. Transmitido, não apenas em aulas, mas pelo contato direto dos exemplos do mestre. Não só pelo exemplo, e sim por uma outra coisa mais sutil que nós podemos chamar de influência. Nós temos então esses três níveis: o ensino, o exemplo e a influência.

O ensino é simplesmente a transmissão do registro. O filósofo diz o que ele sabe ou o que ele perguntou e os alunos registram isso de algum modo. Porém, existe uma grande diferença entre um tecido de palavras e a realidade a que elas se referem.

Se nós lemos um livros qualquer, um livro, digamos, de História, que nos conta uma guerra, as páginas não explodem e as palavras não morrem. Portanto, o que se passa no livro não é exatamente o que se passa na guerra. Das palavras até os fatos é preciso fazer uma conversão. Do mesmo modo, uma doutrina filosófica, para que ela se transforme, não em conhecimento das palavras, mas das coisas referidas, é preciso que o próprio filósofo complemente as palavras com atos e que esses atos sejam vistos pelos [???] para que eles saibam como o filósofo interpreta na prática os seus próprios ensinamentos.

Por exemplo, quando Sócrates diz que a alma é imortal, qual é o sentido real que isso tem? Isso para ele é uma hipótese, é uma teoria ou é um fato? Quando nós

observamos a conduta de Sócrates ante a morte, nós entendemos o que ele afirmava da imortalidade da alma não tinha no ensinamento dele o peso de uma hipótese, mas de uma realidade. Porque ele não apenas ensinou que a alma é imortal, mas ele se alegrou com a perspectiva da sua própria morte. Com esse ato o filósofo dá uma interpretação ao seu ensino, e somente essa interpretação dá o sentido e o peso exatos do que ele disse. Isso significa que o filósofo não ensina somente na aula, mas sobretudo por causa dela, porque nós passamos do ensino para o exemplo.

Mas além do exemplo existe um terceiro grau no ensino, que se chama influência. A influência é o que uma pessoa te transmite pelo modo como ela te olha, pelo tom da voz. A influência é aquilo que uma pessoa te transmite pela presença viva dela. Algo que ela não disse mas que pela presença se impregna em você, como o olhar, por exemplo, de uma pessoa amada, é algo que você não poderia descrever mas que você sabe perfeitamente bem.

Por exemplo, todos nós temos a sensação de termos sido carregados no colo pela nossa mãe. E quando nos sentimos perfeitamente seguros, é exatamente o mesmo sentimento que nós temos. Se não tivéssemos sido carregados no colo, não haveria nenhum meio de transmitir isso. Isso quer dizer que se o filósofo não complementa o seu ensino passando esse tipo de experiência, tudo o que ele ensinou permanece no nível das palavras e das hipóteses e você nunca vai saber exatamente do que ele estava falando.

Nas tradições mais formalizadas, como as religiões ou a Franco-maçonaria, essas experiências básicas são transmitidas sob a forma de ritos. Os ritos reproduzem, como que teatralmente, certas situações humanas fundamentais, como por exemplo no Cristianismo a Missa repete o sacrifício do seu fundador e na prece-ritual islâmica, a prece repete o diálogo do Arcanjo Gabriel com o profeta. Nessas situações básicas, estão de certo modo compactadas todas as possibilidades humanas que serão vivenciadas durante todos os ciclos históricos, de modo que o rito estrutura a imaginação coletiva criando a base na qual todas as experiências poderão ser compreendidas. Se nós formos privados desse rito, toda experiência ficará sem forma.

Mas o rito tem um problema. Ele pode ser facilmente aprendido e repetido sem a plena consciência do que está sendo feito. Isso significa que num nível profundo, as possibilidades de compreensão de tal [???]. Esse é o motivo pelo qual pessoas que não acreditam mais numa religião conscientemente continuam praticando seus ritos. Eles não acreditam, mas seu corpo acredita, e aquilo se faz com o corpo.

Porém, à medida que esses ritos deixam de ser praticados e começam a ser estudados, porque não o praticam, eles se tornam meros esquemas e se tornam objetos de discussão. E discutir um rito não é certamente a maneira de compreendê-lo. Compreender um rito por esse meio é tão impossível quanto compreender, mediante discussão, a intenção de um olhar. Ou você é a *capta* num primeiro momento, ou as discussões só o confundirão mais ainda.

Por isso mesmo a tradição da Filosofia não tem rito, o que a torna mais difícil de transmitir. E ela se aproveita como uma finalidade ritual de situações reais existentes fazendo delas o próprio meio de aprendizado, através do exemplo do filósofo que então serve de veículo a essa influência.

Vocês vêem que nós estamos bem distantes do que hoje se chama academicamente de Filosofia que é uma atividade que se esgota no puro nível da discussão. A discussão pode ser muito boa, evidentemente, mas não adianta nada discutir se o objeto da discussão não está presente. Por exemplo, se nós [???], usamos uma expressão comum chamada Direito Natural. O que nós entendemos como Direito Natural dá pra lotar muitas bibliotecas e não se chega jamais a uma conclusão. Mas o que Aristóteles ou Platão queria dizer com essa idéia? Vou lhes dar uma sugestão.

Às vezes você sabe o que tem que fazer. Ninguém lhe diz e você não poderia justificar. Mas você sente que em certas situações, certos atos quebrariam a coerência da sua vida e você não seria mais você. Ao passo que outros atos são “corretos por natureza”. Essa experiência de cada um descobrir por si o que é certo para ele a cada momento é o que os hindus chamam de Dharma. Descobrir o seu Dharma não é descobrir uma lei ou uma fórmula, mas descobrir o ato que naquele momento se harmoniza com a sua biografia anterior e com toda a situação em torno. Quem não tem essa prática e se tenta discutir Direito Natural, você vai discutir apenas o conceito de Direito Natural e não o Direito Natural propriamente dito. É lamentável que justamente essa discussão entre meras palavras leve hoje o nome de Filosofia.

Então, portanto, o sujeito tem alguma idéia não apenas daquilo que eu chamo de Filosofia e que eu pretendo transmitir na medida das minhas possibilidades, como também a idéia de uma outra coisa que também se chama Filosofia mas que não é senão a fórmula verbal dessa disciplina e que se diferencia dela exatamente como uma partitura escrita se diferencia da música.

Se um habitante de Marte ou de Vênus desembarcasse na Terra e lhe perguntasse o que é música e você lhe mostrasse uma partitura da 5ª sinfonia de Beethoven, ele acreditaria que a música é um tipo de arte gráfica. A idéia que hoje em dia as pessoas fazem da Filosofia é mais ou menos isso.

Muito bem, podemos parar por aqui.